

# City of Benares





# **Londres responde à blitzkrieg**

**Márcio Scalercio**  
Historiador

**Leonardo Braga**  
Historiador e Oficial de Marinha Submarinista

## **“Nós consideramos o acordo assinado na noite passada e o acordo naval anglo-germânico como símbolos do desejo de nossos povos de jamais irmos à guerra um contra outro novamente”**

Declaração do primeiro-ministro britânico Neville Chamberlain, após a assinatura do acordo de paz com o chanceler alemão Adolf Hitler em 1938<sup>1</sup>



Segundo Winston Churchill, primeiro-ministro da Grã-Bretanha durante a Segunda Guerra Mundial, de 7 de setembro a 3 de novembro de 1940, Londres foi atingida por cerca de duzentas bombas<sup>2</sup>. Eram os primeiros movimentos da batalha aérea entre a Alemanha e a Inglaterra, durante o maior conflito armado da história humana. Os britânicos, combalidos após as derrotas sofridas no continente europeu, resistiam ao assédio do chanceler alemão, Adolf Hitler, pelo estabelecimento de um segundo acordo de paz entre os dois países, após a farsa de 1938. Uma paz que certamente lhes custariam a liberdade e a soberania do Estado. Um preço alto para uma nação socialmente avançada, berço da primeira legislação destinada à salvaguarda dos direitos humanos – o “Bill of Rights” de 1688.

A ofensiva aérea contra a Inglaterra, iniciada em julho de 1940, tinha como propósito pavimentar o caminho para a invasão da ilha. Com a Europa continental subjugada, as bases aéreas francesas e belgas passaram

a abrigar os ninhos da Luftwaffe, a força aérea alemã. A supremacia nos céus do Canal da Mancha era requisito indispensável ao sucesso de um futuro desembarque anfíbio, operação que levaria as tropas do Terceiro Reich ao território britânico.

Para obter tal supremacia era preciso liquidar a Real Força Aérea (RAF). Várias estratégias foram adotadas, em diferentes meses, visando minar as energias do pessoal, a infraestrutura de apoio, as fábricas de aeronaves e a estrutura de comando e controle, incluindo a rede dos inovadores equipamentos de detecção britânicos – os radares.

A enorme pressão proporcionada por uma força inimiga de mais de 2.600 aeronaves operacionais pôs a RAF quase de joelhos. Quando a esperança já se ia, uma mudança dos planos germânicos proporcionou o alívio necessário aos ases reais. Londres, a joia da coroa, tornou-se o alvo prioritário.

A ofensiva alemã, deglutindo com explosões e chamas as edificações da cidade, utilizava mecanismo similar ao terrorismo. O bombardeio aéreo contra





**Foi necessário por  
em marcha as forças  
cujo sucesso se mede  
pela quantidade de**

**vidas  
salvas**

alvos não militares tinha propósitos que excediam os danos proporcionados pelos ataques *per se* – ele se impunha pelo estabelecimento de um estado permanente de insegurança (e eventual de pânico) entre os segmentos não combatentes da sociedade. Em troca do restabelecimento da segurança seria preciso ceder às pressões e render-se.

**N**o caso em questão os britânicos não cederam. E pagaram um preço alto por isso. Nos primeiros três meses, os ataques na região de Londres mataram a soma assustadora de 12.696 civis, deixando aproximadamente 20 mil feridos graves<sup>3</sup>. Incêndios de grandes proporções consumiram vastas regiões

**Porões de prédios públicos, criptas de Igrejas e estações de metrô foram utilizados como**

## **abrigos coletivos**



da cidade, enquanto focos menores, ao número de centenas, se erigiam como testemunhos oscilantes da devastação. No início os alvos prioritários foram instalações portuárias, entroncamentos ferroviários, prédios públicos, centros comerciais e usinas de gás e eletricidade. No decorrer da campanha os ataques passaram a vitimar toda a cidade de forma indiscriminada.

Transmissões de rádio alemãs, originadas na Paris ocupada, alardeavam o fim da resistência e do destemor londrinos: "A lenda do autocontrole e da fleuma britânica está sendo destruída. Todos os relatos vindos de Londres apontam que a população está tomada pelo medo – um medo de arrepiar os cabelos. Os sete milhões de londrinos perderam completamente o autocontrole. Eles correm sem rumo pelas ruas e são vítimas de bombas e projéteis."<sup>4</sup>



guerra atingira um novo patamar de brutalidade tomando a população como alvo. E assim foi necessário por em marcha as forças cujo sucesso não se mede pela destruição, mas pela quantidade de vidas salvas. As forças de uma nascente e inédita defesa civil.

Os preparos para esta frente de batalha tomaram corpo tão logo surgiram sinais claros da beligerância nazista. Alguns precedentes chamaram a atenção das autoridades britânicas: os bombardeios às cidades de Shanghai (China), na Guerra Sino-Japonesa (1937) e Roterdã (Holanda), no início da ofensiva alemã (1940). Ambos os ataques deixaram grande quantidade de mortos, feridos e desabrigados.

Na China, armas químicas foram empregadas contra a população. Por isto, até a Crise de Munique, foram distribuídas na Inglaterra 38 milhões

de máscaras de gás às autoridades locais e outras 35 milhões diretamente à população, incluindo modelos para bebês e crianças pequenas<sup>5</sup>. Para lidar com a ameaça das bombas convencionais foram distribuídos os abrigos antiaéreos familiares tipo “Anderson” – chapas metálicas, que serviam de teto para refúgios cavados nos jardins das casas. Os abrigos “Anderson” comportavam até seis adultos e foram fornecidos gratuitamente às famílias de baixa renda que se encontravam em áreas de risco.

Porções de prédios públicos, criptas de Igrejas e estações de metrô foram utilizados como abrigos coletivos. Em 1942, 470 mil pessoas passavam a noite em abrigos e 140 mil dormiam nas estações de metrô diariamente<sup>6</sup>. Informações sobre as ameaças de bombardeio aéreo e guerra química eram amplamente veiculadas. A população era orientada a manter produtos essenciais estocados nos abrigos, tais como material de higiene, água, alimentos, um receptor de rádio e passatempos como jogos e livros.

Diversas estruturas organizacionais foram criadas, expandidas ou reformuladas para acomodar as forças de defesa civil britânicas. A espinha dorsal do sistema era a Air Raid Precaution (ARP). Criada em 1937 pelo Air Raid Precautions Act, a organização ganhou importância a partir da concretização da ameaça alemã em 1º de setembro

de 1939 (invasão da Polônia). Em julho daquele mesmo ano, o “Civil Defense Act” havia estabelecido oficialmente a Defesa Civil como uma estrutura que reuniria todas as organizações capazes de mitigar os danos sofridos por bombardeios. Em 1941, o ARP Service foi oficialmente renomeado “Civil Defense Service”, em alusão ao espectro mais amplo de atividades a cargo da força.



Homens e mulheres compunham os seus quadros divididos em diferentes equipes. Aos grupos de resgate e demolição cabia o resgate de vítimas e a demolição de estruturas remanescentes que pudessem desabar, buscando garantir aos socorristas e bombeiros uma rota segura para realização de suas tarefas. Os grupos de primeiros socorros removiam os feridos e lhes prestavam o primeiro atendimento médico. Aqueles que se encontravam em estado mais grave eram embarcados nas ambulâncias (também integrantes do serviço) e removidos para os hospitais. Se os ataques envolvessem armas químicas os esquadrões de descontaminação eram acionados para realizar a limpeza da área. Havia ainda um serviço de comunicações que garantia o registro e o atendimento das notificações de desastres e dos pedidos de socorro – um trabalho vital na gestão dos for-

temente limitados recursos disponíveis. O apoio imediato aos desabrigados vinha das cantinas móveis, unidades que forneciam lanches e água para aqueles que tiveram suas casas recentemente destruídas ou o abastecimento de água interrompido.

À época, as brigadas de incêndio britânicas eram comumente forças policiais treinadas para combater incêndios – isto é, nos municípios que dispusessem de uma. Os ataques aéreos maciços levaram o caos ao sistema, vitimado não só pelas bombas alemãs como também pela falta de coordenação de suas forças. Focos de incêndio eram reportados em duplicidade enquanto outros permaneciam ignorados. Diferentes equipes eram despachadas para combater um mesmo incêndio enquanto outros sinistros consumiam a cidade sem oposição. As falhas na cadeia de comando e a falta de padronização de procedimentos levaram o governo a tornar o corpo de bombeiros um ente nacional – National Fire Service (NFS) – e a criar uma escola de combate a incêndio responsável por disseminar as melhores práticas e técnicas operacionais.

Cada aspecto ordinário da vida em sociedade passou a ser regido pelos ditames do esforço de guerra. A organização e as normas para o trabalho, alimentação, vestuário e moradia subordinavam-se aos requisitos de segurança, uso racional

de meios e economia. A escassez de mão de obra masculina proporcionou grandes oportunidades de emancipação para as mulheres, resultando em transformações que não seriam revertidas no pós-guerra. Motoristas de ambulâncias, carteiros, bombeiros, guarnições de baterias antiaéreas entre outras dezenas de ocupações notoriamente masculinas passaram para as mãos das mulheres. A tendência de crescimento do trabalho feminino, observável a partir do término da Primeira Guerra, acentuou-se. Em 1943, mais da metade dos funcionários do governo britânico era mulheres<sup>7</sup>.



Com a guerra submarina alemã destruindo considerável parcela do tráfego mercante, o desabastecimento foi inevitável, resultando em racionamento. Frutas, ovos frescos e itens que não compunham a lista de racionados (como vinho e outros supérfluos) tornaram-se raridades. O governo adquiria 90% dos alimentos importados e os distribuía por meio de um sistema de cartelas individuais (*"ration books"*). Os *"ration books"* continham tíquetes que eram trocados pelas porções padronizadas de alimentos como bacon, açúcar, manteiga, chá, carne, queijo e geleia. Campanhas como a *"Dig for Victory"* foram lançadas apelando para que a população plantasse suas próprias

frutas, legumes e verduras nos quintais de casa. Logo boa parte dos espaços disponíveis, incluindo parques e jardins públicos, seria usada para este fim.

Campanhas educacionais estimulavam um melhor aproveitamento dos alimentos e prestavam esclarecimentos importantes sobre nutrição. Eram sugeridos itens alternativos em substituição aos gêneros em falta. O propósito destas iniciativas era evitar que o racionamento resultasse em subnutrição, malefício especialmente perigoso diante de um conflito duradouro.

Alimentos como carne de baleia foram incorporados à dieta regular, embora fossem bastante impopulares. Rações diferenciadas foram distribuídas às pessoas com necessidades especiais, como lactantes, crianças pequenas e trabalhadores com dispêndio calórico muito alto, como os mineiros de carvão.

De forma surpreendente, apesar das duras restrições impostas pela guerra, o nível geral de saúde melhorou entre os britânicos. O consumo limitado de alimentos gordurosos, doces e açúcar, associado à maior quantidade de verduras e legumes incorporada à dieta, foram os fatores responsáveis por esta inusitada boa notícia. Não podemos nos abster de comentar que a distribuição de produtos promovida pelo governo atenuou sobremaneira a imensa desigualdade social que imperava nas

ilhas. Em tempo de guerra, por mais paradoxal que isso possa parecer, os pobres receberam um quinhão maior de gêneros do que na época de paz.

Assim sendo, cartelas emitidas pelo governo substituíam o dinheiro, assegurando uma distribuição justa dos víveres disponíveis. O fornecimento de vestuário também foi regulamentado por cartelas e o desenho das peças passou a privilegiar o uso racional das matérias primas. O hábito de costurar e remendar as roupas desgastadas tornou-se corriqueiro, assim como reuso das peças de crianças mais velhas pelas mais novas.

O medo de que os ataques resultassem numa hecatombe levou o governo a propor a mais traumática das medidas – a evacuação de crianças e gestantes para as cidades do interior e para outros países. Em setembro de 1939 houve o deslocamento de 1,466 milhão de pessoas que se encontravam em áreas de risco, incluindo mulheres grávidas, crianças pequenas com suas mães e crianças maiores acompanhadas de professores e assistentes<sup>8</sup>.

Famílias substitutas as recebiam e os custos decorrentes eram pagos pelo governo e por contribuições das famílias atendidas, que permaneciam nas cidades de origem. Uma das mais famosas obras da literatura infanto-juvenil mundial, *"As Crônicas de Nárnia"*, teve como ponto de partida esta migração. O autor, o irlandês Clive



O medo levou à evacuação de

# crianças e gestantes

para as cidades do interior e para outros países





## O fornecimento de alimentos e outros produtos de consumo só voltaria aos níveis normais em 1949



Staples Lewis, hospedou algumas crianças em sua casa em Oxford, entre elas uma menina chamada Lucy (nome que batizaria uma das personagens). A história – uma viagem a um mundo de fantasia – começa quando um grupo de meninos e meninas encontra um armário mágico, que dá acesso às terras de Nárnia. Certamente um louvável exercício de imaginação para os pequenos que procuravam lidar com o afastamento forçado de suas famílias e a vida na casa de estranhos.

Embora a soma de deslocados fosse impressionante, os planos desta migração forçada previam quantidades ainda maiores – mais de três milhões de pessoas. Um dos fatores que limitaram este esforço, no que tange ao envio para além-mar, foi o risco de afundamento dos navios de transporte, receio que se materializou com o afundamento do “City of Benares”.

Um navio partira da cidade de Liverpool numa sexta-feira, 13 de setembro, rumo ao Canadá. Das 400 pessoas a bordo, 100 faziam parte do programa de evacuação (90 crianças e 10 acompanhantes)<sup>9</sup>. Após realizar parte do trajeto sob escolta, o “City of Benares”<sup>10</sup> seguiu viagem sozinho em águas supostamente seguras. No dia 17 de setembro, foi avistado pelo submarino alemão U-48 e torpedeado. Apenas 13 crianças sobreviveram e o programa de imigração infantil foi definitivamente suspenso.

O afundamento do “City of Benares” expressa uma realidade mormente desconhecida do grande público. Embora grandes desgraças tenham se abatido sobre o solo da velha ilha, uma parte significativa das vítimas fatais, entre civis, morreu no mar – em torno de 30 mil pessoas entre pescadores e tripulações de navios mercantes afundados<sup>11</sup>.

Estas perdas contribuíram ainda para aumentar as dificuldades quanto ao recrutamento de marinheiros para a frota mercante e fizeram disparar os preços das apólices de seguro das embarcações.



Diversos tipos de armas foram empregadas contra as cidades britânicas, incluindo bombas comuns (explosivas), incendiárias e antipessoal. Embora o treinamento e o preparo da população contra armas químicas fossem prioritários, nenhum ataque dessa natureza foi perpetrado pelos alemães. A *blitz* foi encerrada em maio de 1941, mas os bombardeios prosseguiram em menor escala até o fim da guerra, perpetuando a vida de angústia e insegurança. O advento das "bombas voadoras" V1 e V2, utilizadas em 44 e 45, reviveriam em menor escala os temores de 40 e 41.

O fornecimento de alimentos e outros produtos de consumo só voltaria aos níveis normais em 1949.

Após quase seis longos anos de resistência os britânicos foram recompensados com a vitória após as entradas da União Soviética e dos Estados Unidos na guerra como aliados. Contabilizando apenas os estragos dos bombardeios, chega-se a mais de um milhão de casas destruídas<sup>12</sup> e 60.500 mil civis mortos<sup>13</sup> Neste ano de 2009, quando o início da guerra completa 70 anos, é preciso reconhecer o notável esforço de professores, donas de casa, bombeiros, enfermeiras, motoristas de ambulâncias e todas as equipes que lutaram no *front* doméstico, não só na Grã-Bretanha, mas também na Alemanha e no Japão, países cujas populações receberam o mesmo tratamento terrorista ministrado pelo poder aéreo. Suas histórias foram menos conhecidas e gloriosas,

mas tão notáveis quanto as grandes batalhas.

Mas nada nos impedirá de render justa homenagem à indômita população civil inglesa dos anos de 1940 e 1941. Se o mundo de hoje não é aquele que desejamos, com a vitória da Alemanha nazista a realidade seria ainda mais desoladora e terrível. Ledo engano imaginarmos, todavia, que após o conflito um período de harmonia e tranquilidade se seguiu. A paz de espírito coletiva jamais retornaria aos corações e mentes britânicos, dado um medo novo que se avizinhava: o medo do holocausto nuclear. O medo que por anos a fio daria o tom da guerra fria.

**scalercio@link.com.br**

Márcio Scalercio é professor-titular da Universidade Candido Mendes e do Departamento de Economia da PUC-RJ

**bragamartins@terra.com.br**

Leonardo Braga é encarregado da Escola de Submarinos do Centro de Instrução Almirante Átila Monteiro Aché

## NOTAS

1. CHURCHILL, WINSTON. The Second World War. Londres: Pilmico 2002; pg 134. Tradução livre.

2. CHURCHILL, WINSTON. The Second World War. Londres: Pilmico 2002; pg 354.

3. MINISTRY OF HOME SECURITY. Front Line 1940-41: The Official Story of The Civil Defense of Britain. Londres: His Majesty's Stationery Office, pg 20.

4. Transmissão realizada em 18 de setembro de 1940. Tradução livre. Fonte: MINISTRY OF HOME SECURITY. Front Line 1940-41: The Official

Story of The Civil Defense of Britain. Londres: His Majesty's Stationery Office, pg 61.

5. BRAYLEY, MARTIN J. The British Home Front, 1939-1945. Oxford: Osprey Publishing 2005, pg 4.

6. BRAYLEY, MARTIN J. The British Home Front, 1939-1945. Oxford: Osprey Publishing 2005, pg 5.

7. TOWNSHEND, CHARLES (Editor). The Oxford Illustrated History of Modern War. New York, Oxford University Press. 1997, pg 247.

8. BRAYLEY, MARTIN J. The British Home Front, 1939-1945. Oxford: Osprey Publishing 2005. pg 26.

9. BBC People's War, <http://www.bbc.co.uk/ww2peopleswar/stories/80/a6192380.shtml>, consultado em 04/09/2009.

10. Benares é uma cidade indiana sagrada, considerada a "Meca" do hinduísmo.

11. CHURCHILL, WINSTON. The Second World War. Londres: Pilmico 2002; pg 224.

12. OVERY, RICHARD. The Second World War Experience: Blitzkrieg. Londres: Carlton Books; pg 49.

13. CHURCHILL, WINSTON. The Second World War. Londres: Pilmico 2002; pg 224.